

Inovação e empreendedorismo no ambiente acadêmico: um estudo sobre universidades empreendedoras e os resultados dos relatórios de gestão

Innovation and entrepreneurship in the academic environment: a study on entrepreneurial universities and the results of management reports

Innovación y emprendimiento en el ámbito académico: un estudio sobre las universidades emprendedoras y los resultados de los informes de Gestión

Recebido: 25/10/2022 | Revisado: 06/11/2022 | Aceitado: 07/11/2022 | Publicado: 14/11/2022

Elisângela de Menezes Aragão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1418-4934>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: emaragaos@hotmail.com

Vania de Jesus

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3235-8993>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: vaniajesus2@gmail.com

Mário Jorge Campos dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7481-3982>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: mjkampos@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as informações sobre empreendedorismo e inovação de universidades federais (UF), classificadas como universidades empreendedoras. Sendo esta, uma pesquisa de natureza exploratória, buscou-se a partir de um estudo qualitativo e quantitativo, baseado na análise de conteúdo, para detectar os resultados das ações empreendedoras, apresentadas nos relatórios de gestão disponibilizados pelas universidades. Para isso, realizamos um estudo de casos múltiplos com foco nas informações e ações empreendedoras no ambiente acadêmico. Do universo de 66 universidades federais, foram selecionadas as que estavam nas melhores colocações do Ranking das Universidades Empreendedoras (RUE) 2021, para cada região geográfica do Brasil. Esta análise possibilitou a compreensão das características das universidades empreendedoras que se transformam para atender às demandas da sociedade. Na apresentação dos dados e das ações relevantes para o alcance dos resultados está a demonstração direta da transformação que se busca em um ambiente de construção de Universidades Empreendedoras em todas as regiões, sendo refletido na percepção dos alunos e demais stakeholders. Pretende-se com este estudo relacionar as ações das universidades empreendedoras e suas características, em dimensões para compreensão do planejamento para as universidades tradicionais se tornarem mais empreendedoras, e pode servir de ponto de partida para outros estudos empíricos.

Palavras-chave: Universidades federais; Universidade empreendedora; Rankings; Relatórios de gestão.

Abstract

This article aims to analyze information on entrepreneurship and innovation from federal universities (UF), classified as entrepreneurial universities. This being exploratory research, it was sought from a qualitative and quantitative study, based on content analysis, to detect the results of entrepreneurial actions, presented in the management reports made available by universities. For this, we conducted a multiple case study focusing on information and entrepreneurial actions in the academic environment. From the universe of sixty-six federal universities, those that were in the best positions in the Ranking of Entrepreneurial Universities (RUE) 2021, for each geographic region of Brazil, were selected. This analysis made it possible to understand the characteristics of entrepreneurial universities that are transformed to meet the demands of society. The presentation of data and actions relevant to the achievement of results is a direct demonstration of the transformation that is sought in an environment of construction of Entrepreneurial Universities in all regions, being reflected in the perception of students and other stakeholders. As an academic contribution, this study relates the characteristics of entrepreneurial universities and integrates these characteristics into dimensions to understand the strategic objectives for traditional universities to become more entrepreneurial and can serve as a starting point for other empirical studies.

Keywords: Federal universities; Entrepreneurial university; Rankings; Management reports.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar información sobre emprendimiento e innovación de las universidades federales (UF), clasificadas como universidades emprendedoras. Siendo esta una investigación exploratoria, se buscó a partir de un estudio cualitativo y cuantitativo, basado en el análisis de contenido, detectar los resultados de las acciones emprendedoras, presentados en los informes de gestión puestos a disposición por las universidades. Para ello, llevamos a cabo un estudio de caso múltiple centrado en la información y las acciones emprendedoras en el ámbito académico. Del universo de 66 universidades federales, fueron seleccionadas aquellas que estaban en las mejores posiciones en el Ranking de Universidades Emprendedoras (RUE) 2021, para cada región geográfica de Brasil. Este análisis permitió comprender las características de las universidades emprendedoras que se transforman para atender las demandas de la sociedad. La presentación de datos y acciones relevantes para el logro de resultados es una demostración directa de la transformación que se busca en un ambiente de construcción de Universidades Emprendedoras en todas las regiones, reflejándose en la percepción de los estudiantes y demás stakeholders. El objetivo de este estudio es relacionar las acciones de las universidades emprendedoras y sus características, en dimensiones para comprender la planificación de las universidades tradicionales para ser más emprendedoras, y que pueda servir como punto de partida para otros estudios empíricos.

Palabras clave: Universidades federales; Universidad emprendedora; Rankings; Informes de gestión.

1. Introdução

O empreendedorismo nunca foi tão importante como no atual momento, com impactos social e financeiro em ambiente global. Os desafios globais que vão muito além da economia, podem ser enfrentados com inovação e empreendedorismo, que fornecem um caminho a seguir, construindo o desenvolvimento sustentável, gerando empregos, crescimento econômico renovado e promovendo o bem-estar humano (Volkman et al., 2009). E nesse contexto, o ambiente da educação superior em constante desafio, as diversas instituições universitárias e a própria comunidade acadêmica tendem a afirmar que as instituições de educação superior estão mudando.

Tofler, em seu livro *Choque de Futuro*, escreve que “Toda a educação brota de alguma imagem de futuro; se a imagem de futuro de um povo estiver grosseiramente equivocada, o sistema educacional acabará por trair os seus jovens”. Assim, o pensamento da educação para o empreendedorismo, é visto como um agente de mudança social, um facilitador em diversos setores, uma vez que o empreendedorismo é como motor que alimenta a inovação, a geração de emprego e o crescimento econômico e social. E neste contexto, setor público, setor privado, academia e setores sem fins lucrativos têm papéis a desempenhar na facilitação do desenvolvimento de ecossistemas eficazes que incentivam e apoiam a criação de novos empreendimentos inovadores, criando ambientes propícios para encorajar formas empreendedoras de pensar e se comportar (Volkman et al., 2009).

No Brasil, a educação superior tem o papel social de promover a formação cidadã (Brasil, 1996), e as universidades se caracterizam pela indissociabilidade das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, o que apresenta desafios que impactam no modo de ser das universidades, na estrutura administrativa, nos currículos, na gestão financeira e na qualidade das pesquisas, rompendo fronteiras para a disseminação do conhecimento. Por isso todos esses aspectos devem ser de conhecimento de toda a sociedade. Os debates sobre o futuro do ensino superior demonstram a primordialidade da transição para uma universidade empreendedora (UE) com o propósito de vencer o desafio de manter um papel de impacto na economia e na sociedade. Essa transição pode dar às universidades um papel revigorado em suas missões tradicionais e no desenvolvimento das regiões onde estão localizadas (Etzkowitz & Zhou, 2017; Stensaker & Benner, 2013).

O caminho percorrido pelas universidades para uma atuação mais empreendedora, pode ser analisado através dos resultados de seu planejamento e gestão, além de diversas ações de promoção e divulgação de seu conhecimento em pesquisa e extensão. Uma das formas de se ter acesso às informações e resultados das universidades federais (UF) é por meio de seus relatórios de gestão (RG), instituídos pela resolução n. 206/1980. Os RG são uma exigência integrante da prestação de contas das entidades mantidas pelo poder público federal exigidos conforme Lei n. 8443/1992 (Brasil, 1992) e regulamentada atualmente Instrução Normativa (IN)-TCU 84/2020 (Brasil, 2020), definindo forma de Relato integrado como organização e

apresentação dos RG da Administração Pública Federal (APF). A transparência das informações apresentadas nos RG deve ajudar a promover as universidades federais (UF), apresentando elementos necessários para demonstrar a mudança de uma universidade tradicional para uma universidade empreendedora, promovendo a cultura de acesso à informação e disponibilizando de forma proativa dados e informações importantes para o estímulo a boa governança.

Nesse sentido objetiva-se analisar em que medida a percepção dos alunos sobre as Universidades consideradas Empreendedoras, classificadas no ranking de Universidades Empreendedoras (RUE) encontra correspondência nos resultados apresentados nos relatórios de gestão (RG) das universidades federais. O universo inicial da pesquisa foram 66 universidades federais, das quais foram selecionadas cinco, uma de cada região geográfica do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). A amostra deu-se com base no RUE 2021, no qual participaram 126 universidades brasileiras, entre privadas, públicas (federais, estaduais, municipais) e comunitárias. Para analisar os relatórios integrados de gestão das universidades federais brasileiras, de cada região, utilizamos a mais bem classificada pelo Ranking de Universidades Empreendedoras (RUE) de 2021 para cada região. O ranking é uma maneira de propiciar à sociedade informações governamentais de qualidade para que os stakeholders possam aproveitar todo o potencial que os dados apresentados podem oferecer e é fundamental para os gestores públicos, dando transparência e garantia do acesso à informação pública, que deve ser socializada e democratizada (Brasil Junior, 2021).

Os modelos de universidade empreendedora têm ajudado no processo de mudança nas universidades tradicionais. Apesar da vasta literatura abordando o fenômeno da UE, os modelos apresentados geralmente abordam como ocorre um processo de mudança e qual o papel dos tomadores de decisão. Assim identificamos a necessidade de uma análise sobre os resultados para fornecer um melhor entendimento das mudanças que ocorrem durante a transformação de um modelo de universidade tradicional para um modelo de UE. Portanto, este estudo contribui para demonstrar como o planejamento, organização e divulgação das informações ajudam no processo de decisão de mudança de um modelo tradicional de universidade para um modelo mais empreendedor através ações implementadas e resultados alcançados.

2. Referencial Teórico

Para se alcançar o objetivo desta pesquisa, nesta seção foram abordados e discutidos tópicos relacionados ao empreendedorismo e inovação acadêmicos, universidades empreendedoras e relatórios integrados de gestão.

2.1 Empreendedorismo e inovação no âmbito acadêmico

O economista austríaco Joseph Alois Schumpeter, é constantemente citado por ser um dos grandes responsáveis pela ampliação e difusão do tema empreendedorismo associado à inovação, e por introduzir a noção de inovação tecnológica como instrumento propulsor do capitalismo (Audy & Morosini, 2006; Leite, 2017; Verga & Silva, 2015; Ruiz, 2018; Carmo, et al, 2021). A concepção de inovação, alinhada ao desenvolvimento do capitalismo e das formas produtivas, é um processo capaz de proporcionar o desenvolvimento econômico do país ou região. Em sua obra *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, originária de 1946, Schumpeter enfatizou o papel do empreendedor como ator principal da destruição criadora. Ao associar claramente o empreendedorismo à inovação, ele também justificou a importância deste ao desenvolvimento econômico (Schumpeter, 1961; Filion, 1999; Santiago, 2009).

Para Turró, et al., (2014), não é possível entender os dois fenômenos - inovação e empreendedorismo - ocorrendo separadamente. O processo de inovação não acontece dentro de uma instituição de forma isolada, mas se relaciona com o contexto em que ela está inserida, por meio da inter-relação entre as diversas variáveis, sendo elas metas, estruturas e informações, com a economia local, sem se esquecer dos atores em questão (Schumpeter, 1961). Segundo Eckhardt e Shane

(2003), empreendedorismo é a descoberta, avaliação e exploração de bens e serviços futuros. Desta forma, compreende-se que a essência do empreendedorismo é a ideia de transformação ou algo que rompa a lógica natural (Almeida et al., 2017).

Contemporaneamente, o empreendedorismo pode ser entendido como diversas áreas do conhecimento são importantes para auxiliar na compreensão e conceituação do empreendedorismo, tornando-o interdisciplinar. Para Landström (2020) o empreendedorismo pode ser definido a partir de três abordagens principais: o empreendedorismo em função do mercado, também chamada de abordagem econômica que demonstra a importância econômica do empreendedorismo para gerar crescimento e desenvolvimento econômico, assim, o impacto socioeconômico e os fatores ambientais que impulsionam o empreendedorismo são questões centrais; o empreendedor como indivíduo, sendo a abordagem comportamental, que explica o empreendedorismo a partir do indivíduo empreendedor; e o empreendedorismo como processo. (Landström, 2020).

O empreendedorismo é uma competência que pode ser desenvolvida, sendo assim ensinada, através da educação empreendedora como um importante meio para o surgimento de empreendedores em diferentes camadas sociais. Para Aragão et al. (2021), a geração de empreendimentos sociais tem sido modelo para se empreender, quando se busca não apenas o lucro, pois esta forma de empreendimentos considera outras dimensões como o social, o cultural, o institucional e o ambiental, além do econômico. Sendo assim, as exigências do contexto social, econômico, político e cultural, que envolvem também o campo do empreendedorismo, demandam cada vez mais que as instituições de ensino se adaptem e gerem resultados inovadores para favorecer o desenvolvimento econômico em que estão inseridas (Ruiz, 2019; Dos Santos et al., 2021).

Contudo, muito se tem discutido o papel das universidades no estímulo a iniciativas empreendedoras e na formação de profissionais capazes de resolver problemas e empreender. Para vários autores (Isenberg, 2011; Mason & Brown, 2014; Tornatzky & Rideout, 2014), as universidades representam um dos elementos, ou domínios, na terminologia de Isenberg (2011), que compõem o ecossistema empreendedor de determinada região ou território. Para Ribeiro et al. (2022), locais com atributos sociais disponíveis ao empreendedorismo podem contribuir com o fortalecimento do ecossistema empreendedor e, isto, pode ocorrer principalmente pela interação entre os atributos (redes próprias, capital de investimento, mentores/negociadores e trabalhadores talentosos).

No Brasil, o Decreto nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018, que regulamenta o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), autoriza as universidades a criarem ambientes promotores da inovação, seja através de ecossistemas de inovação, seja através de mecanismos de geração de empreendimentos (Brasil, 2018). Ou seja, espaços que estimulam a inovação, voltados à economia do conhecimento e promoção da interação entre Governo, Instituições de Ciência e Tecnologia (ICT), Empresas e Organizações públicas e privadas. Englobando duas dimensões: os “ecossistemas”, que se constituem em espaços como parques e polos científicos e tecnológicos e cidades inteligentes; e os “mecanismos de geração de empreendimentos” que são estruturas ou processos que abrigam projetos ou empresas como incubadoras, aceleradoras etc.

Para Almeida et al (2020), a adoção e disponibilidade de recursos tecnológicos por alunos promove significativas mudanças nas relações sociais e maneiras de aprender destes, transferindo para as instituições de ensino, aspirações, anseios, conhecimentos prévios e, dessa maneira estimulam implicitamente a reformulação dos procedimentos de ensino. Para isso, como geradoras do conhecimento, as universidades estão mais próximas do processo de inovação, e na medida em que adotam um formato empreendedor comum, transcendem e incorporam suas missões de ensino e pesquisa. Ou seja, a indústria é protagonista no setor produtivo e o governo na garantia das interações e intercâmbios estáveis. Sendo assim, a universidade como vantagem competitiva o fluxo contínuo de seus docentes e discentes, que promovem um movimento constante de novas ideias; o que não é tarefa simples para outras instituições (Etzkowitz & Zhou, 2017).

Com isso, as ações de pesquisa das universidades têm se transformado em importantes fontes de inovação, tornando-as atores centrais dos ecossistemas de empreendedorismo e inovação (Asheim et al., 2011; Jiao et al., 2016). E, por meio da

ampliação e desenvolvimento de suas atividades empreendedoras, as universidades conseguem atender a estas “novas exigências” (Rothaermel et al., 2007, Etzkowitz, 2013), tornando-se, assim, universidades empreendedoras.

2.2 Universidades Empreendedoras

A universidade tornou-se global, tecnológica, inovadora e competitiva, provocando sua transformação: de instituição tradicionalmente voltada apenas ao ensino e pesquisa à uma instituição também focada na colaboração com partes externas interessadas, a chamada universidade empreendedora (Fernández-Nogueira et al., 2018).

Clark (1998), importante nome no contexto de universidades empreendedoras (UE), no estudo que analisou 5 universidades europeias, identificou um conjunto de elementos presentes nas organizações estudadas, que denominou passos empreendedores das transformações da universidade, e que são uma distinção entre universidades que são empreendedoras e são elementos constituintes de um modelo de análise, como: núcleo central comprometido, forte inserção no entorno, diversificação das fontes de receita, coração acadêmico estimulado e cultura empreendedora integrada. No Quadro 1, estão relacionadas as principais definições sobre universidades empreendedoras.

Quadro 1 - Principais definições de Universidade Empreendedora.

Autor	Definição
Etzkowitz (1983)	“Universidades que estão considerando novas fontes de recursos como patentes, pesquisas sob contratos e entrada em parceria com uma empresa privada”.
Chrisman et al. (1995)	“A universidade empreendedora envolve “a criação de novos empreendimentos por professores universitários, técnicos ou estudantes”.
Clark (1998)	“Uma Universidade Empreendedora, por si só, busca inovar na forma como vai para os negócios. Busca realizar uma mudança substancial no caráter organizacional para chegar a uma postura mais promissora para o futuro. As universidades empreendedoras procuram se tornar universidades 'stand-up' que são atores significativos em seus próprios termos.”
Subotzky (1999)	“A universidade empreendedora é caracterizada por parcerias universidade-empresa mais estreitas, por maior responsabilidade do corpo docente para acessar fontes externas de financiamento e por uma gestão ética em governança, liderança e planejamento”.
Kirby (2002)	“Como no coração de qualquer cultura empreendedora, as Universidades Empreendedoras têm a capacidade de inovar, reconhecer e criar oportunidades, trabalhar em equipe, assumir riscos e responder a desafios.”
Etzkowitz (2003)	“Assim como a universidade forma alunos individuais e os envia para o mundo, a Universidade Empreendedora é uma incubadora natural, fornecendo estruturas de apoio para professores e alunos iniciarem novos empreendimentos: intelectuais, comerciais e conjuntos”.

Fonte: Adaptado de Kirby, Guerreiro e Urbano (2011), tradução livre.

O conceito da hélice tríplice que destaca a inovação, como um dos condutores das relações entre governo-universidade-indústria, é a base para o modelo de universidade empreendedora desenvolvido por Etzkowitz (2001; 2004). A universidade pós-moderna, passa pela primeira revolução acadêmica, quando incorpora a pesquisa à sua missão e pela segunda revolução acadêmica, ancorada no campo do empreendedorismo. Sendo assim, as duas missões, ensino e pesquisa, passaram a delinear a universidade da primeira revolução, enquanto, a combinação de desenvolvimento econômico e social foi incorporado à nova missão da universidade empreendedora e marca o surgimento da segunda revolução (Etzkowitz et al., 2000; Etzkowitz & Klofsten, 2005).

Neste contexto, a UE está orientada para a execução, de forma conjunta, de atividades de ensino, pesquisa e empreendedorismo, e não apenas para os estudantes de escolas de negócios, mas atingindo os alunos de diversas áreas do conhecimento (Etzkowitz, 2004; Fernández-Nogueira et al., 2018). Para Wakkee et al. (2018) o potencial das UE como agentes de mudança local, é para além da economia, envolvendo outros aspectos de necessidade regional, como a sustentabilidade, sendo de grande importância em países em desenvolvimento. Segundo Audy (2006), a academia tem recebido diversos sinais, tanto do

ambiente externo como do seu ambiente interno, que apontam para pressões crescentes por uma renovação da Universidade para fazer frente às novas demandas. Segundo, Audy e Ferreira (2006) a universidade empreendedora pode ser compreendida em cinco dimensões demonstradas no Quadro 2.

Quadro 2 - Dimensões empreendedoras das universidades.

Dimensão	Características
Núcleo central forte	Abrange uma administração coesa, focada no resultado e composta por especialistas e gerentes qualificados e professores que compõem o compromisso e estabilidade da base institucional. Favorecendo uma gestão descentralizada.
Cultura empreendedora integrada	Capacidade de trabalhar em níveis colegiados, focada no aprimoramento acadêmico e na busca de novas oportunidades, desenvolvendo habilidades de atuação multidisciplinar e valorizando o comportamento empreendedor.
Desenvolvimento de unidades periféricas multi / inter / transdisciplinares	Conexão com a sociedade, como transferência de tecnologia, parques científicos e tecnológicos, agências de gestão e inovação tecnológica, institutos de pesquisa aplicada, ancorados em modelos de gestão baseados na mudança e estimulando a criatividade e o empreendedorismo na comunidade acadêmica, longe do que é rígido e burocrático.
Motivação do núcleo acadêmico e assumir riscos	Alto grau de proatividade e empreendedorismo, assumindo a necessidade de atualizar permanentemente e buscar novas soluções para os problemas que se apresentam mesmo em um ambiente hostil.
Base financeira multi	Engloba, além das mensalidades, recursos públicos, agências financeiras, empresas e outras instituições da sociedade, além de serviços, licenças e contribuições tecnológicas.

Fonte: Audy e Ferreira (2006).

Segundo, Almeida et al. (2020), além das mudanças tecnológicas, surgem, paralelamente, concepções inovadoras que envolvem os alunos, professores e as metodologias. Para Barnard, et al., (2019), as três últimas décadas demonstraram que, apenas nos Estados Unidos o número de programas voltados à educação empreendedora em universidades cresceu substancialmente: enquanto no início dos anos 80 aproximadamente 300 escolas de negócios tinham programas de empreendedorismo, com a entrada dos anos 2000 esse número ultrapassou 1600 universidades, acompanhando coerentemente o aumento de interesse pela área e pela aquisição das competências por ela abrangidas. No Brasil, quanto aos estímulos ao desenvolvimento a pesquisa científica e inovação, podemos perceber um aparato legal, conforme Quadro 3, que norteiam e contribuem para a mudança para a UE.

Quadro 3 - Legislação para inovação e empreendedorismo.

Legislação	Atuação
Lei 10.973/2004	Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo;
Lei 13.243/2016	Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação;
Lei 13.267/2016	Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior;
Lei 13.800/2019	Autoriza a administração pública a firmar instrumentos de parceria e termos de execução de programas, projetos e demais finalidades de interesse público com organizações gestoras de fundos patrimoniais;
Lei 13.874.2019	Institui a Declaração de Direitos de Liberdade Econômica; estabelece garantias de livre mercado;
LC 182/2021	Institui o marco legal das startups e do empreendedorismo inovador;

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Devido à sua importância, alguns estudiosos internacionais buscaram analisar o empreendedorismo sob a ótica do desenvolvimento das atividades empreendedoras, ou seja, nas perspectivas da Orientação Empreendedora (OE), no âmbito de

universidades empreendedoras (UE) de diversos países (Clark,1998, 2006; Etzkowitz, 2013; Urbano & Guerreiro, 2013; Riviezzo et al., 2018; Krabel, 2018; Yoshioka-Kobayashi, 2019) à performance empreendedora, que implica mensurar autonomia, inovatividade, assumir riscos, proatividade e agressividade competitiva (Lumpkin & Dess, 1996).

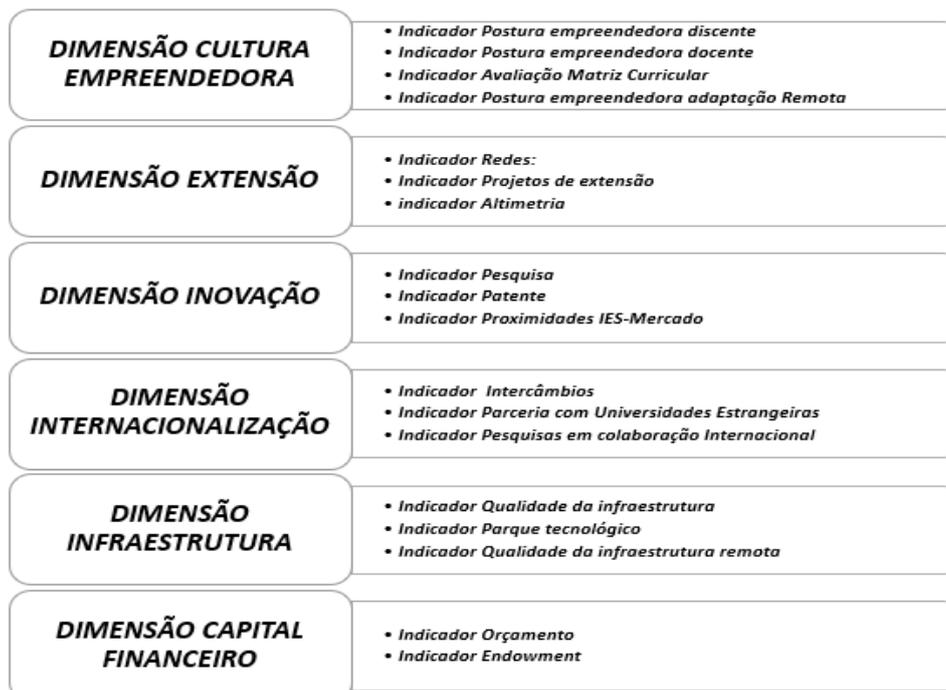
2.3 Ranking de Universidades Empreendedoras

O surgimento de *rankings* acadêmicos mundiais, regionais e nacionais, em âmbito global, está nitidamente impactando a governança das instituições de educação superior (IES), diretamente na forma como elas processam as múltiplas pressões intrainstitucionais e extrainstitucionais por qualidade educacional, prestação de contas, transparência de informações e controle social. Os *rankings* acadêmicos caracterizados por alguns, como instrumentos de avaliação em defesa da qualidade da Educação Superior; e, por outros, como formas de regulação transnacional e nacional, ganha mais espaço ao longo dos anos. (Hazelkorn, 2019).

Lançado há 5 anos, o Ranking de Universidades Empreendedoras (RUE), objetiva a transformação das universidades brasileiras, através da geração de novos estímulos para universidades se tornarem mais empreendedoras. Atualmente é considerado, um dos principais rankings brasileiros que avalia a o desempenho empreendedor das universidades no Brasil, sob a percepção do discente. É organizado pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores, instância que representa as empresas juniores brasileiras (Brasil Junior, 2021).

A pesquisa realizada pelo RUE considera uma universidade empreendedora como uma “comunidade acadêmica inserida em um ecossistema favorável que desenvolve a sociedade por meio de práticas inovadoras” ((Brasil Junior, 2021). Assim, o RUE faz uma análise das universidades por meio de seis eixos, “Inovação, Extensão, Cultura Empreendedora, Internacionalização, Infraestrutura e Capital financeiro”, apontados pelos universitários respondentes da pesquisa sobre o que mais influência uma universidade a ser empreendedora. Os seis eixos foram utilizados, através de indicadores, de forma a ranquear as universidades quanto a sua característica empreendedora. Considerando o conceito de UE e os eixos avaliados, conforme Figura 1, pode-se representá-los graficamente da seguinte forma

Figura 1 - Indicadores que caracterizam uma Universidade Empreendedora.



Fonte: Brasil Junior (2021).

Para a Brasil Junior (2021), Cultura Empreendedora, Inovação e Extensão são as dimensões que tendem a medir o que substancialmente influencia no grau de empreendedorismo de uma IES. Já as dimensões Internacionalização, Infraestrutura e Capital Financeiro são aquelas que medem os meios, recursos, que proporcionam as melhores condições para o desenvolvimento do protagonismo acadêmico.

Segundo Thiengo et al (2019), nas últimas duas décadas os *rankings* obtiveram bastante notoriedade, devido às transformações no próprio cenário da educação superior no âmbito da chamada globalização e da economia baseada em conhecimento, já que os rankings atendem às novas demandas do capital, na medida em que cooperam para a criação de parâmetros para a definição de qualidade e excelência acadêmica, produzem rótulos e regulam/dinamizam o mercado de mobilidade acadêmica. Para Hazelkorn (2019), o ensino superior desempenha um papel fundamental na criação de vantagem competitiva, representando um desafio para as estratégias nacionais baseadas em crescentes indústrias de redes de alto nível de conhecimento, e aumenta a competição por estudantes de alto desempenho. Na gestão das universidades federais os rankings são utilizados para divulgação da excelência acadêmica. Por fim, devido a importância do ensino superior para o desenvolvimento e prosperidade social e econômica, as classificações são largamente traduzidas como um indicador da competitividade global de uma nação.

2.4 Relatórios Gestão

A transparência e o acesso à informação estão previstos, como direitos do cidadão e dever do Estado, na CF/1988 e normativos, como: Lei Complementar (LC) nº 101, de 4 de maio de 2000, denominada Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF); LC nº 131, de 27 de maio de 2009, chamada de Lei da Transparência; Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, nomeada Lei de Acesso à Informação (LAI); Decreto nº 7.724, de 16 de maio de 2012, que regulamenta a LAI; Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, denominada de Marco Civil da Internet, entre outros.

No caso do Brasil, a LRF e a LAI vieram para fortalecer os principais arcabouços da Administração Pública e, por conseguinte, da boa governança pública. Nesse contexto, segundo o Tribunal de Contas da União (TCU) a “prestação de contas deve demonstrar a boa e regular aplicação dos recursos públicos federais e atender às necessidades de informação dos cidadãos e seus representantes (Brasil, 2020). A adequada transparência gera clima de confiança, tanto internamente quanto nas relações de órgãos e entidades com terceiros.

O RG normatizado pelo TCU, adotou um modelo atualizado de documento conciso, focado na demonstração de alcance de resultados, de relatório de propósito geral, voltado à sociedade, o relato integrado. O Relato Integrado (RI), foi criado em agosto de 2010 e é propagado pelo International Integrated Reporting Council (IIRC) O RI é um documento conciso sobre como a estratégia, a governança, o desempenho e as perspectivas de uma organização, no contexto de seu ambiente externo, levam a geração de valor em curto, médio e longo prazos (IIRC, 2013).

Para o TCU, o relato integrado é uma abordagem para preparação de relatórios que tem por objetivo divulgar informações concisas, relevantes e estratégicas, para facilitar a gestão integrada, a comunicação interna e a prestação de contas. O RI representa uma evolução nos processos de gestão organizacional e comunicação corporativa, com representação do modelo de negócios, cadeia de valor e processos organizacionais, em um documento que abrange informações sobre a estratégia, a governança, o desempenho e as perspectivas de uma organização (BRASIL, 2020). Ou seja, a materialidade, princípio básico que diz respeito aos “assuntos que afetam de maneira significativa a capacidade de uma organização de gerar valor no curto, médio e longo prazo” (IIRC 2013, p. 5)

Os principais desafios para elaboração do relatório integrado são a adoção da abordagem estratégica, foco no valor público, o engajamento dos atores relevantes, a atuação integrada, a magnitude e variedade dos temas tratados pelas unidades (BRASIL, 2020). padronização do relatório em um projeto gráfico, flexível, permite superar o desafio de escrever um relatório

conciso, atrativo, com linguagem amigável, destinado à sociedade e que permite ao cidadão compreender rapidamente os resultados alcançados pela unidade prestadora de conta no exercício relatado. (Brasil, 2020).

O RG das Universidades Federais, registra os resultados das ações acadêmicas e administrativas realizadas no ano, orientadas pelas normativas do TCU e pelo Plano de Desenvolvimento Institucional. A materialidade é traduzida por meio de 17 temas, que são considerados pelos gestores como os mais relevantes em relação ao potencial de impacto nas tomadas de decisões referentes à efetividade da missão institucional, dando a conhecer os processos de aplicação dos investimentos públicos recebidos, reconhecendo a sociedade como a principal instância de observância dos resultados institucionais obtidos e entendendo a obrigatoriedade de dar transparência ao que foi realizado, como um compromisso para além das determinações legais.

3. Método

Esta é uma pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa e documental, com base na técnica de análise de conteúdo. A análise de conteúdo foi escolhida devido à aderência e alinhamento com metodologia reflexiva. A técnica de análise do conteúdo direcionada ao tratamento de dados (Bardin, 2011) proporcionou identificar o que estava sendo interpretado em relação aos conceitos para caracterizar as universidades empreendedoras, dimensões e criação de valor. Segundo Yin (2015), estudo de caso é uma forma de investigação empírica, para estudo de fenômenos contemporâneos em profundidade e em um contexto de vida real principalmente em um contexto claramente definido. Para Voss et al. (2002), utiliza-se o estudo de caso em quatro tipos de propósitos de pesquisa: exploração, construção de teoria, teste de teoria e extensão e refinamento de teoria. Nesta pesquisa, o estudo de caso é utilizado para exploração.

O universo inicial da pesquisa foram as 66 universidades federais (UF), das quais foram selecionadas cinco, uma de cada região geográfica do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e o Distrito Federal. A amostra deu-se com base no RUE 2021, no qual participaram 126 universidades brasileiras, entre privadas, públicas (federais, estaduais, municipais) e comunitárias. Mais de 24 mil estudantes de todas as unidades federativas do país colaboraram nas respostas da pesquisa de percepção, com o intuito de desenvolver e contribuir para uma universidade e um Brasil melhor.

Dentre as instituições participantes, foram segregadas cinco para o estudo, apenas as universidades federais que estavam na melhor colocação do ranking, para cada uma das cinco regiões geográficas brasileiras, quais sejam: a) Norte: Universidade Federal do Pará (UFPA); b) Nordeste: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); c) Centro-Oeste: Universidade de Brasília (UnB); d) Sudeste: Universidade Federal de Viçosa (UFV); e) Sul: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). O objeto de estudo foram os RG do exercício de 2021, disponíveis no sítio das universidades federais selecionadas. Como destacado anteriormente, buscou-se verificar em que medida os RG das cinco instituições, apresentam de forma padronizada e transparente informações sobre as dimensões empreendedoras, assegurando a comunicação de informações importantes para a comunidade.

4. Resultados e Discussão

Os dados da pesquisa foram tratados e analisados, por meio de tabelas e análise dos conteúdos dos relatórios de gestão. As universidades analisadas são apresentadas na tabela 1, conforme colocação geral no RUE 2021 e posição alcançada em cada dimensão avaliada.

Tabela 1 - Universidades Federais na melhor Posição do RUE por Região.

Ranking	Nome	UF	Cultura Empreendedora	Inovação	Extensão	Infraestrutura	Internacionalização	Capital Financeiro	Nota
3°	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	MG	2	24	2	2	10	7	6,42
6°	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	33	28	8	17	14	13	5,71
10°	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	PR	23	9	27	20	26	34	5,45
15°	Universidade de Brasília (UNB)	DF	47	42	12	24	35	37	5,2
48°	Universidade Federal do Pará (UFPA)	PA	50	53	45	66	52	51	4,42

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

A evolução das dimensões e o aumento da participação de diversas universidades no RUE, demonstra a busca por um ambiente um desenvolvimento contínuo para se chegar um ambiente empreendedor e inovação. As instituições analisadas apresentaram um avanço na sua colocação em 2021 quando comparadas na avaliação de 2019, exceto a UNB que apresentou um recuo. A posição geral do RUE, nas 3 primeiras edições realizadas, foi ocupada pela Universidade de São Paulo (USP) e em 2021 pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que são universidades estaduais, e que foram destaques na também nas dimensões internacionalização e capital financeiro, porém não obtiverem destaques nas dimensões infraestrutura e cultura empreendedora. Para Etzkowitz e Zhou (2017), o que se deve buscar, é ter a universidade como fonte de empreendedorismo, tecnologia e inovação, bem como de pesquisa crítica, educação, preservação e renovação do patrimônio cultural, tendo com meta criar um ecossistema para inovação e empreendedorismo em contínuo desenvolvimento.

Os dados apresentados na Tabela 2, agrupa as dimensões de análise para verificação do grau de empreendedorismo, onde agregamos as dimensões de Cultura Empreendedora, Inovação e Extensão.

Tabela 2 - Comparativo dimensões RUE 2019 e 2021.

Nome	Posição Ranking		Cultura Empreendedora		Inovação		Extensão	
	2019	2021	2019	2021	2019	2021	2019	2021
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	9	3	10	2	16	24	46	2
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	11	6	84	33	18	28	12	8
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	30	10	60	23	14	9	30	27
Universidade de Brasília (UNB)	8	15	71	47	27	42	5	12
Universidade Federal do Pará (UFPA)	50	48	87	50	34	53	49	45

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Com estes dados, é possível verificar que as instituições estudadas apresentaram melhoria na colocação geral na comparação 2019 - 2021, exceto a UNB. Cabe destacar também, a evolução da UTFPR que passou a figurar no TOP 10 do RUE 2021. Além disso nos resultados apresentados na Tabela 2, todas as universidades demonstraram uma evolução bastante expressiva em sua posição na dimensão cultura empreendedora.

Num comparativo das melhores posições no RUE para suas regiões, as universidades analisadas, também são destaques além da posição geral. A UFV a terceira colocação geral do RUE e obteve a segunda colocação nas dimensões cultura empreendedora e infraestrutura, a UFRN se destacou em extensão e infraestrutura alcançando a oitava e décima sétima colocações, respectivamente. A UTFPR não apresentou nenhuma dimensão com destaque com relação às outras universidades ranqueadas na região, mas uma melhoria em todas as dimensões influenciando no seu posicionamento geral aparecendo do Top 10.

Para se analisar os RG, em busca das informações para as dimensões analisadas, e a demonstração da transparência e divulgação das estratégias e dos resultados, pontou-se de forma dicotômica 1= atendido pelo RG analisado, e 0 = quando não atendido em relação à análise dos relatórios de cada UF, que estão disponibilizados nos sítios institucionais das universidades, com base no modelo de negócios e na materialidade quanto aos indicadores que compõem as dimensões que apresentam o grau de empreendedorismo, como mostra a Tabela 3.

Tabela 3 - Indicadores RUE para a percepção do Grau de empreendedorismo.

Dimensão	Indicador	UFV	UFRN	UTFPR	UNB	UFPA
Cultura empreendedora	Indicador Postura empreendedora discente	1	1	1	1	1
	Indicador Postura empreendedora docente	1	1	1	1	1
	Indicador Avaliação Matriz Curricular	1	1	1	1	1
	Indicador Postura empreendedora adaptação Remota	1	1	1	1	1
Extensão	Indicador Redes	1	1	1	1	1
	Indicador Projetos de extensão	1	1	1	1	1
	indicador Altimetria	1	1	1	1	1
Inovação	Indicador Pesquisa	1	1	1	1	1
	Indicador Patente	1	1	1	1	1
	Indicador Proximidades IES-Mercado	1	1	1	1	1

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Como se pode observar na apresentação das informações da Tabela 3 os indicadores relacionados ao grau de empreendedorismo foram todos contemplados nas informações dos RG. Estas informações aparecem no mapa estratégico das instituições que apresenta o desempenho da gestão. A organização e layout padronizado através do modelo de RI, ajuda a elencar os temas escolhidos para compor a materialidade dos RG, mas as informações também estão distribuídas em diversas áreas do documento. Na apresentação do modelo de negócios no RG das universidades analisadas, são apresentados de forma direta e quantitativa os resultados alcançados para as dimensões de maneira geral, porém ainda assim não é possível ter uma organização comum na representação dos dados, onde cada universidades apresenta seus dados. As informações dos RG de cada uma das universidades selecionadas foram confrontadas com as dimensões e características que ajudam a definir as universidades empreendedoras, buscando uma analogia com o tripé educacional do ensino, pesquisa e extensão.

4.1 Resultados das ações promovidas pelas IES

Na apresentação dos resultados nos relatórios de gestão, o cenário da Covid-19 foi bastante evidenciado como o desafio maior, para se cumprir as missões institucionais e objetivos estratégicos, exigindo readequações estruturais em resposta às novas necessidades no ambiente plural das Universidades. Todas as universidades destacaram em seus relatórios as informações indicativas de Excelência acadêmica como rankings nacionais e internacionais.

a) UFV

Destacou o aumento da quantidade de publicações científicas indexadas: de 1.709 (em 2018) para 1.713 publicações (em 2019); de 1.934 (em 2020) para 2.081 publicações (em 2021). Relacionado a esse aumento, e como elemento demonstrativo do constante aperfeiçoamento das atividades e pesquisa e inovação tecnológica, os destaques em rankings da seguinte forma: ocupa o primeiro lugar entre as federais no Ranking de Universidades Empreendedoras (RUE) 2021; é a segunda universidade de Minas Gerais, a 13ª do Brasil e a 16ª na América Latina no ranking Top 10.000 Scientists; é uma das 20 melhores universidades latino-americanas classificadas pela Times Higher Education no Latin America University Rankings de 2021; está entre as 19.788 instituições de ensino superior avaliadas em todo o mundo pelo Center for World University Rankings (CWUR), ocupando a 921ª colocação. Dentre as universidades da América Latina e Caribe, a UFV está na 29ª posição. Já no Brasil, ela é a 17ª e a segunda melhor de Minas Gerais. (UFV, 2022).

b) UFRN

Quanto à gestão estratégica institucional, ressaltou a execução dos objetivos estratégicos, cujo alcance foi de 93%. Alinhado às boas práticas da gestão pública, a UFRN atingiu o 1º lugar entre as Instituições Federais de Ensino. Em relação ao Ensino, em 2021, o início de dois cursos de graduação - Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e Administração Pública - e aprovado um curso de Engenharia de Produção com ingresso de estudantes no ano de 2022. Destaca também as ações da Política de Melhoria da Qualidade dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Instituição, que contribui para o processo de reestruturação, envolvendo quatro programas de pós-graduação. No campo da inovação, a UFRN avançou da 5ª colocação, em 2019, para a 2ª colocação, em 2020, no ranking do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) referente a solicitantes nacionais de registro de programa de computador, sendo a 1ª entre todas as universidades do Brasil. A instituição desponta entre as ICT das Regiões Norte e Nordeste com maior número de cartas patentes já concedidas, sendo 41 até o final do ano. Informação destacada como a Universidade mais empreendedora entre quatro regiões do país na 4ª edição do Ranking de Universidades Empreendedoras (UFRN, 2022).

c) UTFPR

Destaca que, em 2021, foram 4350 formandos, de técnicos a doutores, nos 216 cursos ofertados, 5641 publicações, 1551 programas e projetos de extensão, aumento no número dos bolsistas produtividade em pesquisa e desenvolvimento tecnológico do CNPq; aumento do número de grupos de pesquisa certificados pela UTFPR no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Também se destaca a capacidade de captação de recursos externos de fomento e bolsas de pesquisa dos PPG, grupos de pesquisa e pesquisadores. Adicionalmente foram 77 acordos internacionais e de dupla diplomação. Na temática Inovação e empreendedorismo destaca-se que no ano de 2021, quanto a proteção intelectual foram 30 novos registros que se somam aos 613 no total, destaca-se as 300 patentes. Na área do empreendedorismo 49 empresas incubadas e 39 eventos de empreendedorismo com 3143 participantes. Nesta temática Inovação e empreendedorismo, em 2021 foi iniciada a implantação da Rede UTFPR de Incubadoras, uma iniciativa para conectar todos os ambientes de inovação da UTFPR, partindo para um ecossistema de inovação de impacto, com Professores, pesquisadores, estudantes e ex-alunos empreendedores da Instituição motivados a desenvolver

suas boas ideias a partir da estrutura da Universidade e em ambientes privilegiados. Nos hotéis tecnológicos dos campi, foram realizadas 18 atividades empresariais, com um total de 537 participantes. O número de empresas incubadas nas incubadoras nos campi foi de 44 empresas. O Programa de Empreendedorismo e Inovação distribuiu 18 bolsas para apoiar as ações do programa. Adicionalmente, foram distribuídas 10 bolsas de apoio aos projetos hospedados - Bolsa HT. E o Programa IF+Empreendedor, distribuiu 50 bolsas para estudantes e coordenadores, para o desenvolvimento do projeto. Mesmo em momentos de cortes orçamentários, a instituição disponibilizou auxílios estudantis, garantindo a permanência dos estudantes em vulnerabilidade nas atividades acadêmicas. Foram 3985 estudantes auxiliados com um investimento que ultrapassou os R\$ 19 milhões. Na área da Pesquisa, foram 1323 bolsas, que arremataram uma pesquisa de qualidade, com a formação de 728 mestres e 101 doutores. No cenário internacional, a instituição ainda figurou nos principais rankings internacionais de universidades. A UTFPR sofreu uma pequena queda nos rankings da Times Higher Education (THE), onde aparece na publicação britânica, como a 51ª colocada entre as universidades brasileiras, mas teve progresso no ranking da SCIMAGO SIR (da posição 123 em 2020 para a posição 86 em 2021 no ranking da América Latina). Uma posição de destaque da UTFPR em 2021 foi sua décima posição, entre as 126 universidades participantes, no Ranking das Universidades Empreendedoras (RUE), realizado pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores (Brasil Junior). A participação em rankings nacionais e internacionais permite não só comparar a UTFPR a seus pares, mas, também, identificar melhorias potenciais em suas ações. Nesses cenários, a pesquisa científica e tecnológica desempenha um papel fundamental, por ser, dentre os quesitos avaliados, aquela que destaca a Instituição no cenário internacional, uma vez que, ao considerar-se apenas a pesquisa, a UTFPR está posicionada em 36º lugar. Com o objetivo de fomentar a divulgação da produção científica e tecnológica da UTFPR, em 2021, a Fundação Araucária disponibilizou recurso para apoio à participação de eventos remotos (UTFPR, 2022).

d) UnB

Se apresenta como pioneira na implementação de políticas de ações afirmativas entre as universidades públicas brasileiras, a UnB também destaca, em seus 60 anos, e reafirma o compromisso com a excelência acadêmica em ensino, pesquisa e inovação, e extensão integrados para a promoção da inclusão e da cidadania e com uma gestão eficaz e eficiente. Apresenta números como alunos Matriculados em 2021: 49.458; Cursos Ofertados em 2021, 297 sendo, Graduação Presencial: 124; Graduação EaD: 8; Mestrado: 72; Doutorado: 90; Residência Médica: 3. Com 5866 alunos diplomados, sendo em Graduação Presencial: 4.467; Graduação EaD: 37; Mestrado: 942; Doutorado: 358 e Residência Médica: 62. Para representação de suas ações na temática inovação, através do núcleo de inovação tecnológica, apresentou os principais resultados alcançados em 2021 no âmbito da pesquisa e inovação como a Proteção Intelectual que teve como resultado 25 depósitos de Patente, 1 proteção no desenho industrial e 18 em Programas de Computador. O Núcleo de Multincubadora de Empresas (NME) teve na área de Incubadora de Base Tecnológica, 14 empreendimentos Pré-incubadas, 5 Incubadas e 1 Graduado. Já na Incubadora de Tecnologia Social os empreendimentos de tecnologias sociais e de impacto apoiados foram 17. O Núcleo de Empreendedorismo contou em seu programa Empresas Juniores com 47 empresas institucionalizadas e apoiadas. Outros indicadores de Inovação também são representados por 18 tecnologias transferidas e 143 produtos técnicos elaborados pelo Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas; 316 discentes matriculados nas disciplinas ofertadas pela Escola de Empreendedores; 520 alunos envolvidos nas Estações Empreendedoras; para o PROFNIT: 26 vagas em edital para ingresso em 2022 no Exame Nacional de Acesso (ENA). A UnB teve sua excelência acadêmica reconhecida e divulgada através dos resultados em ranking internacionais e nacionais, nos quais a UnB se manteve entre as melhores instituições do Brasil e da América Latina. No University Ranking of Academic Performance (Urap), que mede a qualidade acadêmica de 3 mil instituições de ensino superior, a UnB subiu 27 posições. Passou para a 604ª no mundo e para sétimo lugar entre as federais brasileiras. Em outra avaliação, o ranking de Xangai, a Universidade é a quarta melhor universidade federal do Brasil. A Universidade destacou outros rankings, como o QS World

University Rankings by Subject e o ranking Emerging Economies 2022, da consultoria britânica Times Higher Education (THE). Mais de 150 pesquisadores da UnB estiveram em evidência no Alper-Doger (AD) Scientific Index, levantamento dos 10 mil cientistas mais influentes do mundo. A UnB é a quinta instituição com mais pesquisadores citados entre as federais, a nona no Brasil e a 12ª na América Latina. No âmbito da internacionalização, devido à continuidade do cenário pandêmico, as ações de internacionalização foram fortemente impactadas, principalmente na mobilidade acadêmica, devido à suspensão dos programas presenciais de intercâmbio na maioria das universidades parceiras e às restrições a viagens, mesmo assim foram 343 os Acordos de cooperação Internacionais vigentes, sendo distribuídos principalmente entre Europa, 206, América 82 e Ásia com 37 parcerias (UnB, 2022).

e) UFPA

No ensino de Graduação, foram registrados 38.401 discentes matriculados em 155 cursos de graduação, com 3.314 concluintes. A taxa de evasão ficou 11,72%, próxima dos valores registrados antes da pandemia. Na Pós-Graduação, em 2021, foram registrados 9.424 discentes matriculados, distribuídos em 102 Programas de Pós-Graduação (PPG) *stricto sensu*, compreendendo 144 cursos *stricto sensu* (48 doutorados e 96 mestrados), e mais 56 cursos *lato sensu*. Foram titulados 2.171 discentes de Pós-Graduação. Os programas de Pós-Graduação fomentam a produção científica qualificada e a transferência de conhecimento para a sociedade, com o intuito de promover o desenvolvimento amazônico. A produção científica internacional desses programas, registrada na base de dados da Web of Science, aponta um crescimento de 13% no número de artigos publicados nas melhores revistas científicas do mundo, comparada com os números de 2020. Nas citações, que refletem o impacto da produção científica, o crescimento foi de 18%, reafirmando a qualidade e a posição de liderança da instituição na pesquisa. Na extensão, houve grande empenho para a manutenção dos programas e projetos que apoiam as pessoas e organizações da sociedade e qualificam a formação dos alunos. Em 2021, foram 578 programas e projetos executados (em 2020, haviam sido 550) e 644 bolsas ofertadas (em 2020, foram 648). A inovação e o empreendedorismo são favorecidos pelas atividades científicas desenvolvidas na Instituição. As ações desenvolvidas no âmbito da extensão alcançaram 104.960 pessoas no estado do Pará e refletem a importância da Universidade para o desenvolvimento da região. As pesquisas, as patentes, os eventos artísticos e culturais, os debates e outros produtos também são evidenciados neste relatório por representarem respostas efetivas às demandas de interesse público e por impactarem positivamente a sociedade de diferentes modos. Um elenco diversificado de premiações e honrarias destinadas a iniciativas e atores da UFPA por entes sociais diversos (UFPA, 2022).

Ciente dos resultados e das ações promovidas para o alcance de objetivos estratégicos, as Universidades por meio de suas boas práticas buscam a concretização das missões institucionais que devem ser desempenhadas pelas instituições de ensino superior, nesse âmbito os RG são um importante instrumento de gestão, transparência e prestação de contas, entregando à sociedade, à comunidade universitária e aos órgãos de controle informações acerca dos resultados e objetivos alcançados pela Universidade. O grau de excelência acadêmica, representado pelas universidades através dos rankings nacionais e internacionais, é uma informação de ampla divulgação e utilizadas por todas para engajamento da comunidade acadêmica. Isso significa que os critérios e metodologias dos *rankings* tendem a corroborar tendências globais acerca da qualidade e excelência na educação superior de acordo com os padrões dos países centrais e dos organismos internacionais, alinhados ao projeto de expansão e sobrevivência através de recursos financeiros para educação e interesses produtivos imediatos (Thiengo et al, 2019).

5. Considerações Finais

A relevância da instituição universidade é real e concreta, para solucionar os desafios muitas vezes desconhecidos e globais como os que enfrentamos atualmente. A pesquisa demonstrou que a percepção dos alunos representado no RUE pode ser embasada na apresentação das informações e dos resultados demonstrados nos RG das universidades federais. No que se

refere as boas práticas acadêmico-científica levantadas na pesquisa e a utilização dos rankings como ferramenta para auxiliar na transformação e promoção da UE revelou como são planejadas, desenvolvidas e verificadas as atividades empreendedoras no âmbito das IES, e elas foram plenamente atendidas quanto ao grau de empreendedorismo, com demonstrou os resultados desta pesquisa. Destaca-se que o esquema conceitual apresentado no referencial, foi capaz de evidenciar o cenário empreendedor em transformação das instituições em seu ambiente.

As universidades têm se moldado em todas as suas dimensões para transformação em UE, seja na pesquisa, ensino ou extensão e inovação. Segundo Etzkowitz e Zhou (2017) as direções para as parcerias entre universidade empreendedora e as empresas, são três: o licenciamento, quando o produto é originado na Universidade e desenvolvido por uma empresa existente; por convênios de P&D, quando o produto é desenvolvido dentro da empresa, e melhorado através de conhecimentos acadêmicos; e quando o produto é gerado por meio de pesquisa acadêmica da Universidade, e o pesquisador cria uma empresa para comercializá-lo, as spin-off acadêmica. No que tange à pesquisa, a excelência acadêmica e desenvolvimento da cultura empreendedora, tem-se apresentado resultados que são aprimorados constantemente. O indicador proximidade IES-Mercado, é pouco explorado nos RG o que demonstra um espaço que precisa destacado e incentivado no processo de transformação para Universidades Empreendedoras.

Por fim pode-se constatar que há uma pressão exercida pelos rankings sobre as instituições, na medida em que as instituições são posicionadas tendo em conta o seu desempenho em várias dimensões, e acaba por induzir internamente a valorização dessas mesmas dimensões bem como das boas práticas que conduzem, a esses resultados. Apesar da pesquisa está relacionada há um contexto específico para UF, a divulgação das ações das instituições de ensino superior necessita ser tempestiva, clara e precisa, independentemente do tipo de universidade.

Conclui-se, portanto, que as Universidades Empreendedoras avançam em seu processo de transformação, e podem ser vistas como uma ferramenta de amplificação do aprendizado tecnológico para promover inovação, nas comunidades onde estão inseridas. Ainda, sugere-se como trabalhos futuros pesquisar os mecanismos de transferência de tecnologia que favoreçam e impulsionem o desenvolvimento do ecossistema empreendedor acadêmico.

Referências

- Almeida, F. M., Valadares, J. J., & Sediya, G. (2017). A contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico dos estados Brasileiros. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 466-494.
- Almeida, A. C. F. de, Lopes, L. F. de O., & Braga, C. B. (2020). Professores Inovadores: mudanças de paradigmas a partir das necessidades apresentadas pelos alunos. *Research, Society and Development*, 9(7), e576974428. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4428>
- Aragão, J. D., Braga, F. L. P., & Viana, F. D. F. (2021). Inovação e empreendedorismo: Uma análise lexical a partir de estudos científicos internacionais e nacionais brasileiros (2015-2019). *Research, Society and Development*, 10(6), e20610615728. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15728>
- Asheim, B. T., Smith, H. L., & Oughton, C. (2011). Regional innovation systems: Theory, empirics and policy. *Regional studies*, 45(7), 875-891.
- Audy, J. L. (2006). *A universidade no Brasil: concepções e modelos* / Marília Morosini, Org. - Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- Audy, J., & Ferreira, G. C. (2006). *Entrepreneurial University: A View From Pucrs. Innovation And Entrepreneurialism in the University*.
- Bardín, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 1ª ed., São Paulo: Almedina.
- Barnard, A., Pittz, T., & Vanevenhoven, J. (2018). Entrepreneurship education in US community colleges: a review and analysis. *Journal of Small Business and Enterprise Development*.
- Brasil. (2020). *Tribunal de Contas da União. Relatório de Gestão: guia para elaboração na forma de relato integrado: evolução da prestação de contas / Tribunal de Contas da União. (3a ed.), TCU, Secretaria de Métodos e Suporte ao Controle Externo (Semec)*.
- Brasil. *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*, (1988). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Brasil. *Decreto nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018*. Regulamenta a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016, o art. 24, § 3º, e o art. 32, § 7º, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, o art. 1º da Lei nº 8.010, de 29 de março de 1990, e o art. 2º, caput, inciso I, alínea "g", da Lei nº 8.032, de 12 de abril de 1990, e altera o Decreto nº 6.759, de 5 de fevereiro de 2009, para estabelecer medidas de incentivo à inovação e à pesquisa

- científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional.. *Diário Oficial da União. Brasília, 8 fev.*, (2018). https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9283.Brasil.Lei.8.443.Dispõe.sobre.a.Lei.Orgânica.do.Tribunal.de.Contas.da.União.e.dá.outras.providências, (1992). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18443.htm
- Brasil. *Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*, (1996). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
- Brasil Junior, (2021). *Ranking de Universidades Empreendedoras 2021: onde os bons negócios nascem*. Brasil Junior. <https://brasiljunior.org.br/conteudos/ranking-de-universidades-empreendedoras-2021-onde-os-bons-negocios-nascem>
- Carmo, L. J. O., Assis, L. B. D. E., Gomes Júnior, A. B., & Teixeira, M. B. M. (2021). O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. *Cadernos EBAPE BR*, 19(1), 18–31. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>
- Clark, B. (1998). The entrepreneurial university: Demand and response. *Tertiary Education and Management*, 4(1), 5–16. <https://doi.org/10.1007/bf02679392>
- Clark, B. (2001). The entrepreneurial university: New foundations for collegiality, autonomy, and achievement. *Higher Education Management*, 129.
- Clark, B. (2006). Pursuing the entrepreneurial university. Em Audy, Jorge Luis Nicolas. Morosini, Marília Costa (Org.), *Innovation and entrepreneurialism in the university* (p. 15–27). Edipucrs.
- Clark, B. R. (2003). Sustaining change in universities: Continuities in case studies and concepts. *Tertiary Education and Management*, 9(2), 99–116. <https://doi.org/10.1080/13583883.2003.9967096>
- dos Santos, E. G., Maehler, A. E., & de Mello, S. P. T. (2021). A Orientação Empreendedora (OE) na universidade pública: um estudo de caso. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, 175-197.
- Eckhardt, J. T., & Shane, S. A. (2003). Opportunities and entrepreneurship. *Journal of management*, 333–349.
- Etzkowitz, H. (2001). The second academic revolution and the rise of entrepreneurial science. *IEEE Technology and Society Magazine*, 20(2), 18–29. <https://doi.org/10.1109/44.948843>
- Etzkowitz, H., & Klofsten, M. (2005). The innovation region: toward a theory of knowledge-based regional development. *R & D Management*, 35, 243–255.
- Etzkowitz, H., & Zhou, C. (2017). *The Triple Helix: University-industry-government Innovation and entrepreneurship*. Routledge.
- Etzkowitz, Henry, Webster, A., Gebhardt, C., & Terra, B. R. C. (2000). The future of the university and the university of the future: evolution of ivory tower to entrepreneurial paradigm. *Research Policy*, 29(2), 313–330. [https://doi.org/10.1016/s0048-7333\(99\)00069-4](https://doi.org/10.1016/s0048-7333(99)00069-4)
- Etzkowitz, Henry. (2003). Innovation in innovation: The Triple Helix of university-industry-government relations. *Social Sciences Information. Information Sur Les Sciences Sociales*, 42(3), 293–337. <https://doi.org/10.1177/05390184030423002>
- Etzkowitz, Henry. (2004). The evolution of the entrepreneurial university. *International journal of technology and globalisation*, 1(1), 64. <https://doi.org/10.1504/ijtg.2004.004551>
- Etzkowitz, Henry. (2013). Anatomy of the entrepreneurial university. *Social Sciences Information. Information Sur Les Sciences Sociales*, 52(3), 486–511. <https://doi.org/10.1177/0539018413485832>
- Fernández-Nogueira, D. (2018). The entrepreneurial university: a selection of good practices. *Journal of Entrepreneurship Education*, 3.
- Fillion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedorismo e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração. São Paulo*, v, 34(2), 5–28.
- Hazelkorn, E. (2019). Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa. *Organizadores: Adolfo Ignacio Calderón*.
- IIRC. (2013). International Integrated Reporting Council. The International <IR> Framework. <http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2013/12/13-12-08-THEINTERNATIONAL-IR-FRAMEWORK-2-1.pdf>.
- Isenberg, D. (2011). The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy: Principles for Cultivating Entrepreneurship. Institute of International and European Affairs, Dublin, Ireland, 12 May 2011, 1-13.
- Jiao, H., Zhou, J., Gao, T., & Liu, X. (2016). The more interactions the better? The moderating effect of the interaction between local producers and users of knowledge on the relationship between R&D investment and regional innovation systems. *Technological forecasting and social change*, 110, 13–20. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2016.03.025>
- Kirby, D. A., Guerrero, M., & Urbano, D. (2011). Making universities more entrepreneurial: Development of a model: Making universities more entrepreneurial: A model. *Canadian Journal of Administrative Sciences / Revue Canadienne Des Sciences de l'Administration*, 28(3), 302–316. <https://doi.org/10.1002/cjas.220>
- Landström, H. (2020). The evolution of entrepreneurship as a scholarly field. *Foundations and Trends® in Entrepreneurship*, 16(2), 65–243. <https://doi.org/10.1561/03000000083>
- Leite, E. F. (2017). *O FENÔMENO DO EMPREENDEDORISMO*. Saraiva Educação S.A.
- Lumpkin, G. T., & Dess, G. G. (1996). Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. *Academy of management review*, 21(1), 135–127. <https://doi.org/10.2307/258632>
- Mason, C., & Brown, R. (2014). *Entrepreneurial ecosystems and growth oriented entrepreneurship. Final report to OECD, Paris*, 30(1). 77–102.

- Ribeiro, S. P., Luiz Filho, G., & Silva, D. da . (2022). Avaliação dos atributos do ecossistema empreendedor local. *Research, Society and Development*, 11(9), e49911930522. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.30522>
- Riviezzo, A., Santos, S. C., Liñán, F., Napolitano, M. R., & Fusco, F. (2018). European universities seeking entrepreneurial paths: the moderating effect of contextual variables on the entrepreneurial orientation-performance relationship. *Technological Forecasting and Social Change*, 141, 232–248. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2018.10.011>
- Rothaermel, F. T., & Ku, D. N. (2008). Diferenciais da inovação intercluster: o papel das universidades de pesquisa. *IEEE Transactions on Engineering Management*.
- Ruiz, S. M. D. A. (2018). *Universidade empreendedora: proposição de um modelo para as instituições de ensino superior públicas brasileiras*.
- Ruiz, F. M. (2019). *Empreendedorismo*. Senac.
- Santiago, E. G. (2009). Weber e McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho. *Revista de Ciências Sociais*, 40(2), 87–103.
- Schumpeter, J. A. (1961). *Socialismo e Democracia*.
- Stensaker, B., & Benner, M. (2013). Doomed to be entrepreneurial: Institutional transformation or institutional lock-ins of ‘new’ universities? *Minerva*, 51(4), 399–416. <https://doi.org/10.1007/s11024-013-9238-6>
- Thiengo L. C., Bianchetti, L., Almeida M, L. P., & De Mari, C. L. (2019). Rankings acadêmicos e as universidades de classe mundial: implicações para a governança transnacional da educação superior. Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa. *Organizadores: Adolfo Ignacio Calderón*.
- Tornatzky, L. G., & Rideout, E. C. (2014). Innovation U 2.0: Reinventing university roles in a knowledge economy. *Innovation-U. com*.
- Turró, A., Urbano, D., & Peris-Ortiz, M. (2014). Culture and innovation: The moderating effect of cultural values on corporate entrepreneurship. *Technological Forecasting and Social Change*, 88, 360–369. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2013.10.004>
- UFPA. (2022). Relatório de gestão 2021 / Universidade Federal do Pará. — Belém: UFPA.
- UFRN. (2022). Relatório de gestão 2021 / Universidade Federal Rio Grande do Norte. — Natal: UFRN.
- UFV. (2022). Relatório de gestão 2021 / Universidade Federal de Viçosa. — Viçosa: UFRN.
- UNB. (2022). Relatório de gestão 2021 / Universidade de Brasília. — Brasília: UnB.
- Urbano, D., & Guerrero, M. (2013). Entrepreneurial universities: Socioeconomic impacts of academic entrepreneurship in a European region. *Economic development quarterly*, 27, 40–55.
- UTFPR. (2021). Relatório de gestão 2021 / Universidade Tecnológica Federal do Paraná. — Curitiba: UTFPR, 2022.
- Verga, E., & Soares da Silva, L. F. (2015). EMPREENDEDORISMO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA, DEFINIÇÕES E ABORDAGENS. *REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 3(3), 03. <https://doi.org/10.14211/regepe.v3i3.161>
- Volkman, C., Wilson, K. E., Mariotti, S., Rabuzzi, D., Vyakarnam, S., & Sepulveda, A. (2009). Education the Next Wave of Entrepreneurs: Unlocking entrepreneurial capabilities to meet the global challenges of the 21st century. *A Report of the Global Education Initiative. Switzerland: World Economic Forum*.
- Voss, C., Tsiriktsis, N., & Frohlich, M. (2002). Case research in operations management. *International Journal of Operations & Production Management*, 22(2), 195–219. <https://doi.org/10.1108/01443570210414329>
- Wakkee, I., van der Sijde, P., Vaupell, C., & Ghuman, K. (2018). The university’s role in sustainable development: Activating entrepreneurial scholars as agents of change. *Technological Forecasting and Social Change*, 141, 195–205. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2018.10.013>
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso-: Planejamento e métodos*. Bookman editora.
- Yoshioka-Kobayashi, T. (2019). Institutional factors for academic entrepreneurship in publicly owned universities in japan: Transition from a conservative anti-industry university collaboration culture to a leading entrepreneurial university. *Science, Technology & Society*, 24(3), 423–445. <https://doi.org/10.1177/0971721819873180>